**O CORPO E A HEMODIÁLISE: UMA LEITURA A LUZ DA PSICANÁLISE**

**Themis Wyne Farias Cardoso**

**Patrícia Parente Patrocínio**

**RESUMO**

O presente artigo partiu da experiência clínica em um hospital, no setor de hemodiálise, que despertou o interesse quanto os efeitos subjetivos que o paciente renal sofre em consequência das alterações no corpo por ocasião do tratamento dialético. Fazer a inserção da psicanálise nesse setor pareceu relevante, já que, a mesma trata o corpo como uma manifestação somática do eu, de uma dimensão da satisfação da pulsão, em que se encontra entre o somático e o psíquico, que do surgimento dos efeitos subjetivos em consequência de qualquer intervenção sofrida por este corpo. Este estudo tem por objetivo investigar e buscar teorizar dentro do conceito de corpo à luz da psicanálise, articulando junto à subjetividade do sujeito.

**Palavras-chave:** Hemodiálise; corpo; sujeito; psicanálise

**INTRODUÇÃO**

A instituição hospitalar é um local que sempre despertou-me um certo interesse e curiosidade por pensar nas possibilidades de inserção da psicanálise nesse local, onde o discurso médico prevalece. O desejo de engajamento com o tema foicrucialpara a escolha do meu estágio dentro deste âmbito. Porém, vêm as dúvidas de quais bens e contribuições eu, como estudante de psicologia, atravessada pela psicanálise, poderia tirar daquele local onde a dor, o sofrimento, a perda e a morte andam sempre presentes? Através desta escolha, tive a oportunidade de escutar pacientes com insuficiência renal crônica, diagnosticados recentemente ou em tratamento há bastante tempo, em um hospital de ensino, que é referência na região norte do Ceará.

Esse trabalho nasceu em decorrência de minha experiência clínica de estágio na hemodiálise, onde me deparei em diversos atendimentos com pacientes que traziam questões relacionadas ao corpo, o que despertou algumas inquietações e interrogações que fizeram-me questionar a respeito deste ‘’corpo’’. De que corpo se trata e o que ele representa para esse sujeito, que ao adoecer, depara-se com rupturas que atingem e ferem a sua vida, seus projetos e o próprio corpo, provocando assim uma possível angústia desmedida diante do desconhecido, das diversas mudanças ocasionadas pelo tratamento dialítico. E o que seria a hemodiálise?

A hemodiálise consiste em um processo artificial de filtração do sangue, em que o sujeito fica ligado a uma máquina durante aproximadamente quatro horas por dia, três vezes por semana. Esse tratamento causa diversas reações, como dormências, câimbras, desgaste físico, emocional e, com o passar do tempo, causa alterações no corpo e pele do paciente.

Afinal, o que seria esse corpo? O conceito de corpo é objeto de estudo de vários campos da ciência, a medicina moderna trata do corpo biológico, uma noção mecânica, ou seja, um “corpo-organismo”, mas o corpo que se propõe tratar neste artigo é o corpo abordado pela psicanálise, aquele que manifesta somaticamente os sinais do eu, da subjetividade do sujeito, o sujeito do incosciente. O corpo retomado por Freud é algo inerente ao pensamento, ou seja, que mesmo sendo um sintoma manifestado no corpo, tem uma causalidade psíquica. (Alberti; Ribeiro, 2004:8).

Partindo do pressuposto Freudiano, que o corpo é constituído de linguagem, e que o eu, é acima de tudo um “eu-corporal”, ouso-me através desse estudo buscar, pesquisar, investigar sobre o mesmo, sendo esse o desejo de percorrer teoricamente as linhas que constituem esse artigo.

Esse artigo tem por objetivo refletir, analisar e compreender o conceito de corpo voltado para a perspectiva psicanalítica, a partir da escuta clínica, tomando relevância a manifestação desse “corpo” dentro do processo dialítico, articulando junto a qual lugar da subjetividade do paciente junto a instituição hospitalar e dentro de uma equipe multiprofissional.

Escrever sobre a temática do corpo é desafiador e complexo, que nos convoca a “ligar” e “desligar” algumas facetas do corpo, este que é cenário das relações de diversos saberes na instituição hospitalar.

**2. BREVES APONTAMENTOS SOBRE O CORPO-MÁQUINA E O CORPO PARA A PSICANÁLISE**

Quando falamos em corpo se cogita logo a ideia da estrutura da figura humana, ou seja, o corpo natural com toda a sua anatomia, o corpo do qual se constitui o homem.

A partir do século XX, o mundo foi marcado pelo progresso técnico – cientifico e precisamente na segunda metade do século XX, as grandes descobertas científicas e o progresso tecnológico contribuíram para se questionar aspectos da condição humana, impulsionando assim, grandes avanços no campo das ciências. Passa a se ter uma nova visão dos cuidados terapêuticos, e assim tratar do corpo com um olhar condizente com a nova realidade. Mesmo a medicina moderna tendo surgido no final do século XVIII, e com a tecnologia médica que deu origem a instituição hospitalar como instrumento terapêutico de intervenção sobre a doença com efeito de cura, foi no século XIX, que teve início à medicina cientifica, havendo assim uma ruptura no saber médico, que se deu através de uma mudança no nível dos objetos, conceitos e métodos. A medicina passa então a ver o corpo como instrumento de estudo, apropria-se do mesmo como objeto de investigação, que ao longo da história vem cada vez mais se aperfeiçoando, despertando no sujeito esperanças sobre o amenizar ou até mesmo cessar o sofrimento, a dor, a doença e mudanças no corpo, proporcionando a cura o prolongamento da vida.

Esse desenvolvimento contribuiu para a existência de novas formas de valores éticos e culturais na sociedade, que levaram a um processo de se rever e pensar formas diferentes do corpo, já que, a medicina moderna sempre deu ênfase ao corpo biológico, deixando o psíquico separado desse corpo.

Para Foucault (1984), a medicina moderna é social, tendo uma tecnologia do corpo enquanto social, visto que, a sociedade exerce controle sobre o individuo e não se dar pela consciência ou ideologia, mas começa no corpo com o corpo.

O corpo biológico passa a sofrer práticas de intervenções, inúmeras transformações e procedimentos são realizados, pois o corpo é objeto do saber para a medicina, que sempre o viu desassociado da mente. Segundo Ortega (2003), nas práticas atuais a valorização de partes da anatomia tem repercutido como algo amplo, em que o sujeito monta, remonta e recria suas formas, redesenhando o seu corpo como idealiza, ou seja, é o engenheiro do seu corpo.

A visão que se tem do corpo é algo transformável, passível de mudanças, que pode ser explorado tanto no interior como exterior deste, é a visão do corpo-máquina, pois a medicina transforma cicatrizes, traços ou mesmo partes indesejáveis do corpo, já que, na contemporaneidade a busca do corpo perfeito atinge o limite das técnicas cirúrgicas e de estética.

Em um contexto em que o desenvolvimento técnico – científico alavancou o progresso, afetando a vida do homem e influenciando na cultura deste, a psicanálise chega com um papel de relevância, porque trata o corpo de forma significativa, um corpo biológico, orgânico, mas inseparável do psíquico e da subjetividade do sujeito. A psicanálise considera o corpo como algo que não coincide somente com o organismo, pois o sujeito abordado por ela, não é definido como um ser único é o corpo marcado pelo desejo inconsciente, em que a linguagem obedece a suas leis, é o corpo linguagem, significante constituído um todo, em que seu funcionamento deve ter ligação com a histórica desse sujeito.

Freud (1915), ao articular corpo biológico com corpo representado, coloca a pulsão como algo importante nessa ligação, pois ela é uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência com o corpo. E o que seria essa pulsão? São como estímulos, são as representações psíquicas que estão entre o mental e o somático, que surge dentro do organismo. Ainda em Freud (1915), diz que as ideias sexuais reprimidas poderiam causar efeitos sintomáticos no corpo do sujeito e que este poderia ser tratado a partir da análise.

A psicanálise é então a entrada para pensar e repensar esse corpo que se apresenta na clínica, o corpo que exige remanejamento simbólico, que faz a leitura subjetiva do sujeito.

Em se tratando do paciente renal, este se depara com uma nova realidade de vida imposta pela doença e que no campo da subjetividade a hemodiálise provoca efeito nestes, já que, as reações psicológicas interferem, pois o corpo da psicanálise se articula ao biológico e sendo a hemodiálise o tratamento que muda a rotina diária do paciente, feita através de uma máquina, a diálise, que bombeia o sangue e depois da filtragem volta para o corpo do paciente. A máquina é que os mantém vivos, tendo seu emocional afetado, o sofrimento psíquico é percebido e sentido nas mudanças que se dão no corpo. Pude perceber isso durante a escuta de Laura, que após ter que passar pela troca do local do cateter, mostrou uma angústia desmedida, pois o mesmo iria ficar exposto para o outro e isso a lembrava constantemente de sua condição de doente.

Todo o processo do adoecer provoca uma ruptura no curso da vida do paciente, as mudanças sofridas pelo corpo, e o emocional abalado, impõe nova forma de vida, pois o corpo passa por transformações, é para o paciente uma nova situação, uma mudança brusca em que o sujeito se ver diante de uma nova vida, que desconsidera seu psíquico e social, precisando de ajuda para encontrar uma motivação inconsciente para seus comportamentos e atitudes. Ana, em diversos atendimentos falou sobre o quão difícil era lidar com a as mudanças ocorridas em sua vida, sua rotina e em seu corpo depois do inicio do tratamento.

Segundo Almeida (2008) escutando a dor, o sofrimento e questionando com o paciente renal, a psicanálise cria no sujeito condições para refletir sobre a posição que ele assume diante do outro e seu desejo, que garante a sua sobrevivência no tratamento e reações após este.

É nesse contexto de sofrimento que a psicanálise vem como um suporte articulando entre as reações psíquicas do corpo biológico do sujeito, questionando e participando desta situação, criando assim condições para uma nova reflexão do paciente.

**3. CLÍNICA MÉDICA E CLÍNICA PSICANALÍTICA**

Os avanços científicos contribuíram para que a medicina desse um grande impulso no campo das ciências, realizando assim mudanças no corpo humano e descobrindo novas técnicas de domínio das doenças.

Segundo Fernando (2003), os avanços da ciência e da tecnologia permitiram a medicina convidar o sujeito a lidar com as mudanças em relação ao seu corpo. Estas mudanças contribuíram no nível de objeto, conceitos e métodos. O homem moderno tem buscado a perfeição desse corpo, a cultura do corpo ideal, e a medicina tem descoberto técnicas cirúrgicas de aprimoramento desse corpo.

O corpo de que trata a medicina é diferente do corpo na visão da psicanálise, pois a medicina trata do corpo enquanto organismo, ou seja, constituído de órgãos com suas funções, já a psicanálise, ver o corpo tecido pelo sexual e pela linguagem, voltado especificamente para a dimensão subjetiva, marcado pelo desejo inconsciente, o corpo do eu.

É na clínica que se estabelece estas mudanças através da escuta, pois o médico na escuta do corpo biológico se apropria de vários recursos que lhe dispõem, é a escuta seletiva do corpo-organismo, enquanto que o analista na clínica faz a escuta de acordo com o discurso do paciente, ou seja, a partir da linguagem. Dar-se lugar a subjetividade do paciente. O corpo que é oferecido nessa escuta vai além do que constitui o corpo biológico, visto que, o corpo organismo não é o eu e nem a constituição da subjetividade do sujeito.

Na teoria freudiana o conceito de corpo está ligado ao eu, pois ele diz que o eu é antes de tudo um eu-corporal, a imagem do corpo é a substância constituída do eu.

Faz-se necessário estabelecer o que a clínica psicanalítica pode e deve experimentar e transmitir o que fazer para que a escuta seja satisfatória, partindo do que seja o corpo no conceito psicanalítico, de acordo com os fundamentos freudianos, para que se possa entender o processo da escuta. Em se tratando de pacientes renais crônicos, durante todo o processo do tratamento os efeitos da hemodiálise, a escuta parte de pressupostos de que o corpo é inseparável do eu, isso se pode constatar na fala de Ana, quando fala que as mudanças em seu corpo depois do início do tratamento e o contato com outros pacientes na diálise a deixam angustiada e afetam profundamente seu desejo de continuar no tratamento, pois ali, ao deparar-se com pacientes em estado crítico, reflete, inclusive, em sua própria condição, como também sua finitude.

 A imagem de unidade de corpo dar-se através de uma visão unificada do outro que faz com que o eu insuficiente se antecipe de forma imaginária, que se pode perceber quando Ana fala sobre sua própria imagem diante das transformações acarretadas pelo tratamento.

Se a psicanálise assim conceitua o corpo, é essencial que na clínica com pacientes renais seja considerado esse conceito de corpo na escuta do paciente, já que, o inconsciente se manifesta na linguagem.

 **5. CONCLUSÃO**

Através dos estudos realizados concluí-se que o corpo diante da perspectiva psicanalítica vai além do corpo que se ocupa a medicina, ou seja, corpo orgânico e biológico. Pode-se constatar que o corpo tratado pela psicanálise é inseparável do eu, é o corpo simbólico, significante que têm linguagem constituída por restos inconscientes, e as manifestações que dar-se no corpo biológico são ligadas a causas psíquicas.

Com a escuta dos pacientes renais crônicos, pode se ver que estes deparam-se com uma nova realidade de vida, uma nova imagem, imposta pela doença, em que seu corpo é marcado pela mesma, já que, o tratamento dialítico provoca profundas transformações em seu cotidiano, passando o sujeito a ter uma nova visão de si mesmo e este busca um novo sentido para sua vida, já que, as reações do tratamento geram rupturas em sua vida e consequentemente novos sintomas que marcam seu corpo

**REFERÊNCIA**

ALBERTI, S. RIBEIRO, M.A.C. **Retorno do Exílio O CORPO ENTRE A PSICANÁLISE E A CIÊNCIA**. Contra Capa Livraria. Rio de Janeiro, 2004.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Edições Graal Ltda. São Paulo, 2012.

FREUD, S. Conferências **Introdutórias sobre Psicanálise (partes I e II) (1915-1916)**. Trad. Sergio Tellaroli. Companhia das Letras, Vol 13, 1915

NOVAES, J. V. VILHENA, J. **Do homem-máquina ao corpo descarnado: sujeito, corpo e agenciamentos culturais**. Vivência, Rio de Janeiro, 2010.

QUINET, A**. A** **descoberta do Incosciente – do desejo ao sintoma**. Zahar, Rio de Janeiro, 2008.

ORTEGA, F. **Práticas** **de Ascese Corporal e Constituição de Bioidentidades**. Caderno de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 2003.

SÁ, H, A. **Escutando o sujeito com insuficiência renal crônica**. Art. UniVale, 2008.